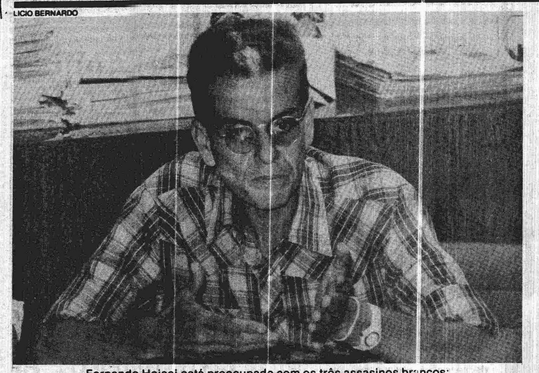
EM QUESTÃO, O DIREITO À SAÚDE

Na semana que passou, Brasília foi ocupada por cinco mil brasileiros interessados em discutir "Saúde como dever do Estado". O Ginásio de Esportes transformou-se numa pequena Babilônia, onde se falava em previdência social, medicamentos, saúde da mulher, direito do cidadão à saúde gratuita e, em menor nível, em práticas alternativas de Medicina.

E foi, exatamente, para questionar a medicina oficial ou alopática, que o **CORREIO BRAZILIENSE** reuniu onze interessados na questão, em mesa-redonda que discutiu a chegada da Fitoterapia, da Homeopatia e da Acupunlura à rede do Inamps; os males causados pelos medicamentos químicos; a necessidade de se questionar a medicina alopática e a impunidade reinante em hospitais onde um paciente é operado na perna esquerda, quando o mal estava na direita.

Para discutir estes temas, reunimos Luiz Gonzaga Scortecci, 36 anos, diretor de planejamentos do recém-criado Instituto de Tecnologias Alternativas do Governo do DF; James Brochlausen, 38 anos, difusor de tecnologias alternativas; Fabricio Pedroza, 43 anos, arquiteto e consultor da Unesco; Dagoberto Servulo de Oliveira, 46 anos, diretor-executivo da Organização das Cooperativas do DF; Fernando Lemos, 37 anos, um dos idealizadores do Instituto de Tecnologia Alternativas do DF; Tupany Americano do Brasil, 34 anos, médico e coordenador de Medicinas Alternativas do Ministério da Previdência Social, Inácio Republicano, 47 anos, médico e membro da Comissão de Reformulação do Sistema de Saúde do CDF; Fernando Batinga, 42 anos, secretário de Serviços Médicos do Ministério da Previdência; Fernando Holesel, 36 anos, médico com importante atuação em medicina alternativa no município de Camaçari — Bahia; Angela Bastos, sanitarista em Salvador e Domingos Antônio Simato, médico e psicoterapeuta paulista.

A mesa-redonda durou três horas de conversa, que resumimos na edição de hoje, através de intervenções de alguns dos debatedores. Eis os momentos mais vibrantes do debate.



LUCIO BERNARDO

Fernando Hoisel está preocupado com os três assasinos brancos: o sal, o açucar e a farinha refinados

Todo poder aos curandeiros

Fernando Hoisel: Há pouco tempo fui convidado para participar de um seminário aqui em Brasília. Nesse seminário, foi dito que estavam reunidas as principais autoridades do País no campo da Fitoterapia. Claro eram todos médicos, professores de universidades, farmacêuticos e trabalhavam na pesquisa de plantas medicinais. Mas uma coisa, pra mim, ficou clara: não são realmente essas pessoas as grandes conhecedoras da Fitoterapia. Acho que o conhecimento das plantas medicinais está mesmo é com pessoas como Sapain, que é um curandeiro e real conhecedor do assunto. Se procurarmos numa tribo indígena dessas um curandeiro (e eu já tive essa experiência) e conversarmos com ele, veremos quem conhece uma planta medicinal, quando ela deve ser colhida, como deve se conservar, como deve ser aplicada. Eles é que as verdadeiras autoridades nessa área e quem deve transmitir esse conhecimento são essas pessoas, porque se tem os farmacêuticos, aqueles que pesquisam no campo dos fármacos, eles pesquisam a partir da experiência dessas pessoas, da experiência do conhecimento do saber popular e inclusive houve falhas, ano passado, quando a CEME promoveu seminário para escolha das novas plantas a serem pesquisadas. A CEME pesquisou 26 plantas no ano retrazado e agora foi escolher mais 26 plantas para novas pesquisas. O interessante é que no primeiro grupo de plantas escolhidas, a primeira espécie enumerada para ser pesquisada, foi o capim cidreiro (chamado capim santo, no Norte). Ele foi escolhido por esses cientistas para ser pesquisado como sedativo e tranqüilizante. O resultado da pesquisa foi que a planta não tinha nenhum efeito sedativo ou tranqüilizante, ou tinha muito pouco. Vejam bem: eu trabalho na Bahia, há dez anos com plantas medicinais. Estou pesquisando e procurando entrar em contato com pessoas que realmente detêm esse conhecimento mas posso afirmar uma coisa, que se desse uma lista e pedisse o nome de cinco plantas a dez curandeiros que em nenhuma das listas iria entrar o capim santo como tranqüilizante e sedativo.

Foi no entanto, a primeira planta a ser pesquisada como sedativo tranqüilizante. O que a gente precisa é valorizar o conhecimento que temos, procurar reviver os conhecimentos dos Incas, que a gente conhece muito pouco aqui. Eles eram homens que dominavam a cirurgia, que tinham conhecimento da penicilina antes dos espanhóis chegarem à América do Sul, fazendo preparado que traz o mesmo princípio da penicilina. Então é isso que a gente precisa buscar: essas pessoas, esses conhecimentos, para as universidade, para divulgação e respeito maiores. Achamos que a gente enfrenta uma realidade bem evidente aqui, mas, na realidade, vemos um país como a China, (com área pouco maior do que a nossa e sem a flora medicinal que temos, porque eles não têm a Amazônia, e têm uma população dez vezes maior que a brasileira. Pois a China é totalmente auto-suficiente em medicamentos e até os exporta.

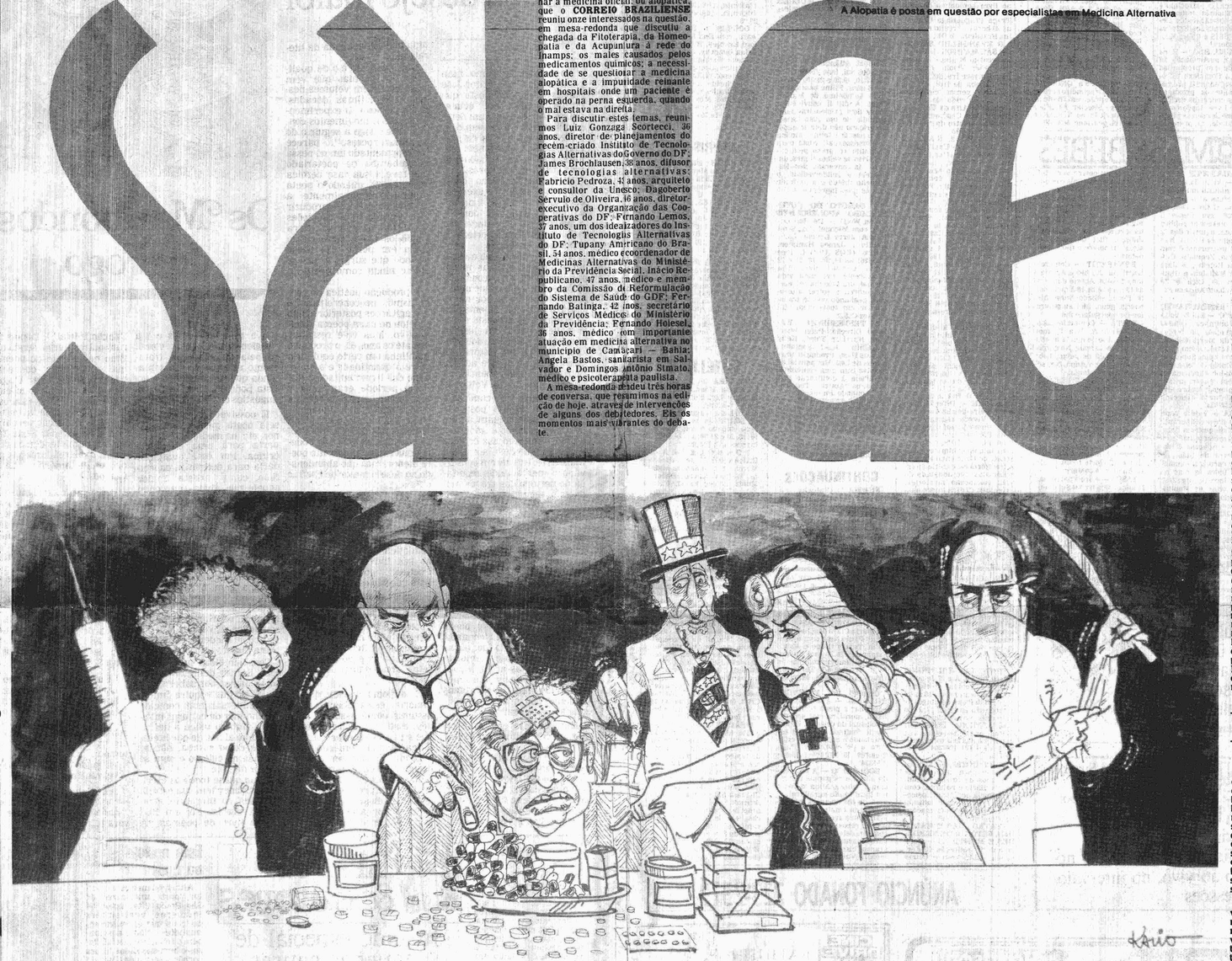
Os chineses têm a base de sua medicina nas plantas medicinais. O médico pé-descalço trabalha basicamente com plantas medicinais, então a gente se depara com essa realidade: o Brasil com uma área menor, com uma população dez vezes menor, importa por ano cinco bilhões de dólares em medicamentos — isso é uma questão que está aí. Temos, então que parar e pensar nela e procurar um jeito de modificar tal quadro. O que achei mais louvável na oitava conferência foi não ver a corrupção e o suborno da indústria farmacêutica como a gente vê em todos os congressos) médicos. Nestes congressos se fala que a indústria farmacêutica abusa e que são necessárias modificações nessa área mas não se apresentam alternativas. Eu acho que qualquer pessoa pode fazer esse trabalho de denúncia e para mudar este quadro alarmante, a universidade tem que abrir espaço para a pesquisa. Eu não tenho a menor dúvida do resultado do meu trabalho, mas não tenho como demonstrar isso, porque há dez que luto por um espaço para fazer uma pasquisa e demonstrar esses números. O absurdo chega a a um ponto em que o principal medicamento vendido no Brasil são os analgésicos.

Muitos sabem que os analgésicos são a causa da doença para as quais eles são aplicados. Na verdade, a dor de cabeça na grande maioria das pessoas que me procuram com enxaqueca, vêm de uma disfunção hepática e uma das coisas que mais atinge a função do sistema hepático biliar é essa droga química. Então, a causa da doença é o remédio usado para a doença e isso para a indústria famacêutica é uma coisa ótima.

Isso tem que ser modificado e a presença do movimento alternativo na conferência foi muito importante exatamente para denunciar esses fatos e criar espaço para que se encontrem soluções. Outra coisa que se precisa denunciar é o abuso não só da indústria de medicamentos como o da indústria de alimentos.

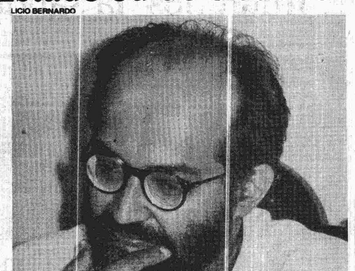
O câncer hoje vem não só dos agrotóxicos. Está, principalmente, dentro dos supermercados. A gente conhece bem os três assassinos brancos: o sal refinado, o açucar refinado e a farinha de trigo refinada. Estes são três produtos altamente nocivos. São coisas das quais um dia a humanidade vai setntir vergonha. São as principais causas de morte hoje no mundo civilizado. Tudo conseqüência dessa transformação dos alimentos pela indústria alimentícia.

A Alopatia é posta em questão por especialistas em Medicina Alternativa



Dever do Estado ou do cidadão?

LUCIO BERNARDO



Luiz Scortecci, do Instituto de Tecnologia Alternativa do DF

Luiz Gonzaga — Ao se falar em saúde se fala em doença e se fala em causas das doenças. Se você observar o que acontece no Brasil de um modo geral verá que o Estado tem sido muito descuidado em prevenir, por exemplo, a poluição do meio ambiente, onde nos deparamos com práticas absolutamente irracionais a nível de produção de alimentos e de outras formas que vulneram a saúde da população e que deixam o cidadão indefeso ante o problema Saúde. Antes dele adoecer, é envenenado e aí está a hora do Estado ser cobrado pelos cidadãos. Por outro lado a própria idéia de cidadania que se procura desenvolver sob os auspícios da Nova República é pressupõe-se, de nível maior de liberdade pessoal, de liberdade individual, da liberdade da própria comunidade para encontrar os seus caminhos. Eu, por exemplo, quando levo um filho ao médico costumo dizer: — Olha doutor, o senhor como médico tem o direito de receitar o que quiser para o meu filho e eu, como pai, tenho o direito de vetar o que achar necessário.

A medicina no Brasil ainda é uma coisa muito parecida com feitiçaria, com religião, a palavra do médico não se discute e o erro do médico não se cobra. É comum nós encontrarmos nos noticiários uma porção de fatos onde cidadãos são intimados pela prática da medicina e em nenhum momento nós encontramos nos noticiários o que seria natural obrigação do médico, que errou, em indenizar o cidadão e pagar o preço do seu erro para com a comunidade. Eu creio que isso é outro aspecto que tem que ser discutido quando se fala em saúde. Quando eu entro num hospital para operar a perna direita e operam a minha perna esquerda, será que esse hospital não me deve nada? E eu ainda tenho de pagar a conta por cirurgia na perna errada? Eu creio que questões desse tipo devem ser levantadas num instante em que se vai discutir saúde de maneira geral e isso porque estou vivo, se tivesse morrido já estaria enterrado e ninguém saberia.

— Você viu, na 8ª Conferência de Saúde, alguma discussão no sentido de busca de tecnologia menos sofisticada, mais barata, mais compatível com a realidade do País? Ou acha que isso ficou em segundo plano?

Gonzaga — Há neste terreno, iniciativas de alguns médicos, que lidam com a homeopatia e Acupuntura. Foi realizada, durante a Conferência uma pequena reunião no sentido de identificar entre os participantes, pessoas que consideram esse tema importante, merecedor inclusive de ser um dos subtemas que a Conferência deverá continuar debatendo até outubro deste ano.

— Entre os cinco mil participantes da Conferência, que percentagem caberia ao pessoal preocupado com a rediscussão da própria medicina e com as tecnologias alternativas?

Gonzaga — É difícil ter noção disso, mas eu acredito que mesmo médicos ou outros profissionais da área de saúde, que não estejam assumindo compromisso com essa perspectiva, há muitos interessados, pois começam a discutir a questão e estão percebendo a importância do tema, embora não estejam engajados. Acho que essa percentagem vai se elevar e nós vamos justamente tentar identificar quantos são os interessados. É importante salientar que estamos interessados não apenas numa rediscussão da medicina em si como experiência científica, mas também em discussão mais ampla do que envolva tecnologias apropriadas às condições sócio-econômicas do País para que as pessoas a rigor jamais venham a necessitar de um serviço médico portanto promovendo a renda, uma alimentação livre de agrotóxico, promovendo uma educação que dê ênfase às questões de saúde e não da doença, uma preocupação a nível de arquitetura, salubridade da habitação, adequação ao modo de vida da população e o próprio desenho urbano porque eu particularmente acredito que as cidades, seu espaço, podem ajudar as pessoas a serem mais completas ou mais felizes. Eu acho que um uma pessoa feliz, num espaço que convida a criatividade, dificilmente adoecerá. Eu invertería o próprio slogan da Conferência que diz "uma pessoa que tem saúde é feliz": eu diria que "se pessoa que é feliz tem saúde, o que não é a mesma coisa". A Conferência, infelizmente, passou ao largo, por preceito científico ou filosófico, da discussão sobre o conceito do homem. Quem é este ser? Se a gente não partir para uma discussão desta, dificilmente vamos chegar a uma discussão sobre a própria medicina como prática científica ou como prática social e profissional.

Indústria da doença ou indústria da saúde?

FERNANDO LEMOS
Editor-Executivo

O que leva um país como o Brasil, cheio de contradições, em grande parte miserável, a optar pela sofisticação? O queleva um país continental como o nosso a padronizar um ensino universitário, a partir de realidades que fazem algum sentido em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, mas que são verdadeiras aberrações no Nordeste, no Extremo Norte, no Centro-Oeste?

Vou contar uma história ilustrativa que se passou no Maranhão, terra do presidente José Sarney: um estudante paulista, com dinheiro suficiente para estudar no Maranhão sem precisar trabalhar, foi reprovado em dois vestibulares na USP. Ele sonhava com oftalmologia. Descobriu que na Universidade do Maranhão havia um curso de oftalmologia. Fez o vestibular e passou. Estudou lá até o fim, e depois voltou para São Paulo. Uma lição que se tira dessa historinha: o Maranhão financiou durante 6 anos, pagando o preço da miséria deseu povo, um rico estudante paulista, para que ele clinicasse emSão Paulo. E uma pergunta que fica: Qual a importância, para oMaranhão, de um curso de oftalmologia em sua Universidade.

O Maranhã precisa de medicina sanitária de cuidados básicos de saúde, de medicina preventiva. E não é só o Maranhão: quase todo o País vive essa realidade. No entanto, é o Brasil "moderno" (que se concentra numa pequena parte de nosso território, atingindo uma pequena parte de nossa população) que dá o tom para o resto do País. Nossa Universidade, nossos governos, nossa construção civil, agem como se o Brasil fosse um país moderno, uma civilização adiantada como os Estados Unidos e a Alemanha, um país sofisticado como o Japão.

Isso tem que mudar: a Universidade no Maranhão tem que viver a realidade do Maranhão, discutir os problemas do Maranhão, preparar técnicos para a realidade do Maranhão. E assim tem que ser em todo o País. Brasília não é uma exceção, cidade-síntese. Brasília é um laboratório, onde todos os problemas crônicos no País estão se desenvolvendo e podem ser acompanhados e resolvidos. Afinal, Brasília tem 25 anos, uma população formada por gente de todos os Estados brasileiros, misturando culturas, hábitos, anseios.

A idéia do Instituto de Tecnologia Alternativa do Distrito Federal, que acaba de ser criado pelo governador José Aparecido, é exatamente trabalhar em cima dessa realidade, buscando na simplicidade a solução para problemas complexos, crônicos, que a sofisticação não resolveu. Primeiro conceito a ser revisto: o de civilização e de progresso. Quando eu falava acima que o eixo Rio-São Paulo dava o tom de modernidade, sofisticação e civilização, como se todo o país pudesse seguir seus passos, não queria dizer que tal "civilização" tem a resposta para tudo. A "civilização" não é a pomada maravilha que cura tudo. Ao contrário, a civilização dita moderna, o progresso, levam apenas à destruição. A solução está na simplicidade, no caminho natural que a civilização abandonou há muito tempo.

Segundo conceito a ser revisto: é preciso investir na saúde, não na doença. A civilização, a sociedade moderna e sofisticada, investe em doença, e vive da doença. Claro: sociedade doente, homens doentes Os médicos, os hospitais, os laboratórios de exames, as indústrias de medicamentos, todos vivem da doença. Qual o interesse institucional de qualquer um desses segmentos na saúde? Saúde significa desemprego para os médicos, prejuízo para hospitais e laboratórios, queda nas vendas para as indústrias de medicamentos. As instituições, na mentalidade capitalista, precisam dar certo.

Ora, o hospital, para dar certo, precisa do "doente". O médico, para dar certo, precisa do doente. O laboratório, para dar certo, precisa do doente — e da necessidade de exames, ainda que desnecessários. A indústria de remédios, para dar certo, precisa de doentes. Quem vai investir em saúde? A quem interessa a saúde?

Vamos por partes: a doença não existe, do ponto de vista da medicina natural — que considero a verdadeira medicina. Existem sintomas de disfunção do organismo, de intoxicação em graus variados, de desvios do caminho natural. A gripe, por exemplo, é uma crise depurativa. O que a medicina oficial faz? Sufoca a depuração, através da utilização de medicamentos. Interrompida a depuração, o organismo se intoxica ainda mais. O que a medicina natural faz? Favorece a eliminação, através de meios naturais, para apressar a depuração, e procura atacar as causas. Quais são as causas? Alimentação Inadequada, "stress", hábitos antinaturais.

Tradução: a verdadeira medicina, que se preocupa com a saúde, procura ajudar o organismo a se depurar, ou até mesmo provocar crises depurativas, se o organismo está tão intoxicado pela ação de medicamentos que nem tem forças mais para se depurar sozinho.

A medicina oficial sufoca as crises depurativas, ataca inimigos imaginários, cuida do que não existe, que são as doenças, e só consegue mais doenças. Tradução: a medicina oficial transforma, pela ação artificial sobre o organismo, doenças simples em doenças complexas. "Cura" uma gripe para obter, mais na frente, uma pneumonia. "Cura" uma infecção urinária para conter, mais na frente, a AIDS. A doença é uma só. Onde há saúde não existe doença. E não existe também mercado para quem vive da doença.

O que se quer quebrar, através do Instituto de Tecnologia Alternativa, é este ciclo vicioso e viciado, não só no caso da medicina, mas da arquitetura, do urbanismo, da agricultura, da produção industrial etc.

Dizia um amigo meu: quem procura onde não há não encontra nada. Parece óbvio? É óbvio mesmo. Mas existe alguma coisa tão difícil de enxergar quanto o que está na cara? O que a medicina está fazendo, a não ser procurar onde não há? Com aparelhos altamente sofisticados, com alta tecnologia, com muitos recursos, mas não vai encontrar nada, simplesmente porque está procurando onde não existe. A saúde não está no medicamento, a saúde não está no "sintoma", na manifestação externa que o médico chama de doença: a saúde está no equilíbrio do todo orgânico. Onde o médico vai achar o equilíbrio, o funcionamento harmônico do organismo, se a cada dia se especializa mais, se afastando do todo. Outra obviedade: é preciso simplificar, depois simplificar mais ainda, e ainda mais. A natureza é sinônimo de simplicidade. Quem complica é o homem, e a sociedade do homem. Vamos tentar, com o Instituto, buscar respostas na simplicidade, aprender com a natureza, reaprender o equilíbrio e a harmonia. Se os hospitais puderem fechar por falta de mercado, se os médicos puderem ficar desempregados por falta de clientes, se as indústrias forem à falência, ótimo.

Será que cometi um pecado, dentro da visão capitalista? Provavelmente sim. Mas então que aqueles que são contra atirem a primeira pedrada, e comprovem o sistema vive da doença, precisa da doença, e não quer a saúde. E assinem embaixo. Eu não assino.

Espaço aberto à Fitoterapia

LUCIO BERNARDO

Tupany Americano do Brasil: um defensor da medicina alternativa dentro da estrutura da Previdência Social

Tupany Americano: Tenho dito em conferências e participado de grupos de trabalho que a saúde é um direito do homem, é um de seus direitos mais elementares, naturalmente desde que este homem se organize em sociedade e o Estado passe a responder por ele, frente às políticas sociais e econômicas, não resta dúvida que este Estado tem a obrigação de oferecer ao cidadão a atenção à saúde, entretanto essa atenção deveria ser no mínimo a atenção primária de saúde. Ao cidadão compete, naturalmente, através de sua associação, de seu grupo, procurar questionar as tecnologias e filosofias importadas, que introduzem modificações profundas na vida moderna. O cidadão tem a obrigação de se esclarecer quanto às condições básicas de alimentação e de higiene. O que interessa é a saúde em geral, a tradição antiga de toda essa conduta, inclusive dos medicamentos simples das plantas medicinais e que hoje são substituídos por medicamentos altamente tóxicos e que atingem um espaço restrito das necessidades ou das mazelas do cidadão. Então está claro que o Estado tem o dever de oferecer a atenção básica, primária, mas o cidadão também através de um processo de educação, de reaculturação dos nossos costumes do passado e também a aprender a cuidar de si. Quanto à Conferência de Saúde não resta a menor dúvida que em sua oitava edição ela foi uma conquista da democracia e é muito bom e muito bonito ver o povo participando com toda a sua representação desde as mais altas até as classes mais baixas, se observa nos grupos de trabalho, mas eu interrogo e coloco uma dúvida se isso vai levar a termos a soluções reais porque no nosso grupo de trabalho as perguntas já vieram estipuladas com as respostas embutidas naquele contexto de indagações.

Dentro da idéia do ex-ministro Waldir Pires, que é um homem público de grande carisma, ele analisara essa questão de introduzir medicinas alternativas na Previdência Social. Pires verificou que o cidadão teria o direito de escolher o seu próprio tratamento; em segundo lugar já estava no caso da homeopatia, com mais de um século de existência no Brasil, de ser resgatada por não ser agressiva, ela realmente resolve as questões e é uma medicina mais barata, procurando facilitar os problemas do Estado. No caso da Fitoterapia, ela deverá ocupar um espaço mais importante que a Homeopatia para as populações interioranas e rurais porque aí não depende de especialistas sofisticados como é o homeopata, o acupunturista ou o cardiologista, mas depende de se resgatar aquele conhecimento do passado que é muito simples, e já tradicionalmente se sabe da sua eficácia. No ministério o que temos feito, depois da introdução da Homeopatia, já, no serviço do INAMPS, nessa primeira fase, com programação de fase futura também homeopatas nas enfermarias. No Rio e São Paulo tivemos um problema muito sério no início, o problema dos recursos humanos. Nós tínhamos uma lei federal proibindo a contratação de funcionários, e nós não pudemos realizar o concurso a nível nacional, então tivemos que nos prender aos recursos próprios da instituição, e nós não de convir que são poucos e pequenos. Então a nossa estratégia de implantação é utilizar mão-de-obra nossa nas cidades onde existam mais recursos, mais postos como Rio e São Paulo, onde há a maior concentração de médicos homeopatas.

Em São Paulo há cinco postos do INAMPS, três da prefeitura e dois do Estado, todos dentro da ação integrada de saúde. No Rio de Janeiro temos oito postos funcionando, sendo que dois foram instalados dentro de hospitais. Em Brasília temos três postos de saúde. Em Porto Alegre temos um. Em Natal, um serviço de homeopatia. Em Salvador, na Bahia, está em fase de implantação. Essa é a demonstração de um serviço que vem gradativo, e o interessante nesse programa é que nós fizemos um convênio com a Fundação Oswaldo Cruz para fabricação de remédios homeopatas, porque tais medicamentos precisam ser fabricados dentro de cuidados estabelecidos. Eles são muito sensíveis porque o sucesso da terapêutica depende da boa qualidade do medicamento. Como não existe qualmidade do medicamento, esse controle tem que ser feito durante a sua preparação. Daí, então, fermos resolvido que a instituição cuidará do seu próprio medicamento, e não temos nenhuma dúvida quanto aos laboratórios nacionais que são muito bons e mais uma segurança, mais uma exigência pelas normas da Ceme porque a Ceme entra nesse contexto na distribuição do medicamento.

Os cursos existentes no Brasil de medicina ainda são incipientes e não alcançaram a Universidade em si para concorrer com as outras matérias médicas. Então há deficiências. São cursos caros porque são cursos realizados em dois, três anos, O Conselho Federal de Medicina exige no mínimo 400 horas/aula para formação do especialistas em cursos realizados em fins de semana. Nós temos o Instituto de Hahnemannia do Brasil que tem 140 alunos assistentes. Como se vê, nós temos duas deficiências na formação de mão-de-obra. Por isso, contamos com percentagem insignificante em coordenar dentro do padrão desejado. A área é de alto interesse. É fácil notar que um postos, a médio a longo prazos, é a formação de recursos humanos e para isso nós estamos fazendo gestões junto às universidades e temos aqui uma grata notícia de que a Universidade de Brasília, através do seu reitor, professor Cristovam Buarque, nos procurou, no Ministério da Previdência, solicitando a nossa assessoria para implantação de cursos de Homeopatia, Fitoterapia e Acupuntura na Universidade. Fizemos isso com muito prazer, e já estamos na fase de estruturação das áreas e de implantação. Essa é uma conquista do pensamento da abertura atual porque antigamente os cursos jamais conseguiram se impor e se existem alguns, como na Universidade Federal de Uberaba, foi à custa de muitos sacrifícios entrando pela porta da cozinha. Agora nós temos um reitor que se interessa pelas medicinas alternativas e procura técnicos para implantá-la dentro da sua universidade, e isso vai abrir precedentes porque nós estamos entrando pela porta da sala.

Limitações da saúde integral

LUCIO BERNARDO

Fernando Batinga: o maior mal do homem é a sensação da separatividade

Fernando Batinga: Como é que vocês explicam que um país cuja população gosta de açúcar branco, come farinha de trigo branca, e consome sal branco refinado, apresente conquistas sociais em termos de saúde tradicional. Segundo: por que na discussão dos naturalistas não se leva em conta fatores emocionais? Por que o stress, o sentimento de separatividade do ser humano são colocados em segundo plano?

Se você pergunta a alguém: — você faz parte de uma grande máquina?, ele retruca: — que máquina? Se você pergunta: — você faz parte de uma grande totalidade? Ele rebate: — que totalidade? Não sabe, enfim, de onde vem nem pra onde vai.

Então, pergunto: o stress, e esse sentimento de isolamento, de separatividade, não são piores do que o açúcar branco que comi a vida inteira e que meu avô sempre comeu? Afinal são 24 horas por dia de stress, solidão, competividade, de sentimento de abandono. Então a concepção de saúde integral tem que levar tais elementos em consideração. Se a gente ficar fazendo cavalo de batalha do tal açúcar branco, nós vamos cair apenas num aspecto da realidade, vamos reduzir demais.

Nós temos que reconhecer as limitações da luta com a alimentação e saúde integrais num país como o Brasil, como conduzir a luta? Não podemos ficar completamente sozinhos e isolados reproduzindo aquilo que se passa na esquerda, que fala muito nos bares de Ipanema, mas não faz revolução coisa nenhuma e na hora do voto são os "lua preta".

Outra coisa que quero levantar: nos estamos vivendo uma sociedade porque a gente só pode transcender uma coisa quando a gente a vivenciou. Não adianta, ninguém está a salvo, em termos individuais o sujeito pode ate dar certo. Mas em termos coletivos, em termos históricos, em termos de nação? Uma civilização tem que passar por etapas, da tem que vivenciar seu processo, e no caso do Brasil nós não chegamos a nem a um cenário capitalista. Quem chamar o Brasil de capitalista depois de ter estado na Europa não sabe o que é capitalismo. Aqui nós somos uma Bélgica cercada por várias indias. Essa é uma imagem clássica.

Outro ponto é analisar, refere-se à importância dessa Conferência Nacional de Saúde é que permitiu o encontro da ciência tradicional, dos cientistas com o conhecimento popular, o conhecimento esotérico, o conhecimento milenar. Nós estamos vivendo essa contradição que nos legaram é é absolutamente falsa: religião versus ciência, conhecimento popular versus conhecimento científico, liderança versus base. Isso só existe numa civilização que desintegrou-se, que separou o ser humeno e a sua visão do mundo. Essa separação não pode existir. Há que haver uma simbiose assim como vai acontecer com a religião e a ciência. Um tem que dar a mão ao outro para crescerem juntos numa nova civilização porque essa aqui está falida e não tem mais saída.

O último ponto que que queria levantar é o seguinte: nós vivemos uma crise violenta no mundo moderno. Esse mundo chegou a um beco sem saída e a única esperança que temos é que não haja a guerra nuclear. O resto está encaminhando pra isso aí, vocês vejam por exemplo o **Jornal do Brasil** de domingo noticiando que a cocaína, nos Estados Unidos, vende mais que hamburguer e movimenta 400 milhões de dólares.

A indústria do armamento: a indústria do crime a indústria de informática são os grandes movimentadores de renda do planeta. Então, como chegamos a um ponto desses?